

O sol é do corpo, a lua do espírito: práticas e repertórios musicais em articulação com os modos de vida contemporânea na região de Entre Douro e Vouga

Jorge Castro Ribeiro, Universidade de Aveiro, INET-MD
jcribeiro@ua.pt

Introdução

Entre 2004 e 2006 integrei uma equipa de pesquisa etnomusicológica que exaustivamente documentou em áudio e vídeo práticas musicais, em cinco concelhos da região de Entre Douro e Vouga (Arouca, Oliveira de Azeméis, Santa Maria da Feira, S. João da Madeira e Vale de Cambra). Este trabalho – publicado sob a designação *Velhas Palavras Novas Leituras: Poesia Popular e Melodias da Região do Entre Douro e Vouga* (Sardo e outros, 2006) - permitiu observar dois importantes factos:

a) a existência de um esforço de manutenção das várias práticas musicais e coreográficas por grupos formalmente organizados, bem como de repertórios associados ao passado e à correspondente memória histórica colectiva da ruralidade;

b) o importante papel que a música e a dança detêm na definição identitária destas comunidades e o reconhecimento colectivo que ela proporciona àqueles que a executam e procuram preservar.

As comunidades dos cinco concelhos de Entre Douro e Vouga estão actualmente inseridas nas dinâmicas contemporâneas da condição sociocultural urbana pós-moderna portuguesa. Cada uma destas comunidades tem a sua especificidade própria e reminiscências do passado marcado, nuns casos, por uma ruralidade pré-industrial ou por uma industrialização pré-cibernética, noutros casos. As dinâmicas contemporâneas emergiram sobretudo nas duas últimas décadas e, entre outros aspectos, caracterizam-nas o aparecimento de alguns processos apontados por Gilles Lipovetsky (1989) de afirmação do individualismo, do consumismo, da ética hedonista e, sobretudo, da fragmentação do tempo e do espaço.

A mobilidade proporcionada pelos transportes, a deslocalização pessoal constante exigida pela residência, o trabalho, o estudo, o lazer, o consumo, juntamente com a utilização intensiva dos meios de comunicação pessoal e social, vieram redesenhar os modos de vida contemporâneos destas comunidades.

Perante esta espécie de contradição entre os modos de vida e as práticas musicais e coreográficas da memória rural colocam-se ao etnomusicólogo várias interrogações sobre as transformações históricas das comunidades e o papel da música enquanto delator de processos de mudança e de identidade.

Três questões centrais desta equação são: de que forma o processo de globalização afecta, ao nível local, as práticas e os repertórios musicais? Que novo sentido têm na vida contemporânea fragmentada no tempo e no espaço estas práticas musicais associadas ao ruralismo arcaico? Que articulação se estabelece entre os significados e conteúdos simbólicos das práticas musicais e dos repertórios e os modos de vida contemporâneos, profundamente afectados pela pós-modernidade?

Objectivos

Com este trabalho genericamente pretendo explorar, interpretar e compreender a cultura popular contemporânea em Portugal, numa área geograficamente delimitada, como expressão da sociedade pós-moderna. Assim, são analisadas algumas das práticas musicais e coreográficas e repertórios relacionados com a manutenção da memória colectiva; são observados os modos de vida das pessoas envolvidas neste processo bem como o discurso associado a estas práticas.

De acordo com vários testemunhos colhidos uma das características que confere valor simbólico à música é a sua antiguidade presumida. Isto é, quanto mais os repertórios e as práticas musicais se puderem associar a um passado longínquo – ou quanto mais evidentes são as suas aparentes marcas de arcaísmo – maior é o seu valor simbólico presente. De resto várias destas práticas musicais existem e são mantidas à custa do seu significado de representação do passado porque são utilizadas na promoção de encenações sociais de quadros da vida rural “à moda de antigamente”.

Assim, são objectivos desta comunicação, analisar a articulação destes repertórios e práticas musicais com os modos de vida das pessoas envolvidas no processo da sua performance e manutenção em alguns casos concretos. A música, nestes casos particulares, pelas maneiras como é desempenhada, coloca em evidência os elementos que definem a identidade colectiva e individual dos seus protagonistas.

Contexto

Na introdução a *Vozes do Povo*, Jorge de Freitas Branco e Salwa Castelo-Branco (2003) argumentam o processo de institucionalização da “folclorização” como “fenómeno cultural da modernidade”. Especialmente no momento da sua génese, a folclorização, enquanto “processo de construção e de institucionalização de práticas performativas, tidas por tradicionais, constituídas por fragmentos retirados da cultura popular, em regra, rural.” (2003:1) é derivada de uma atitude modernista que tem lugar, precisamente, nos anos 30, no contexto da política cultural levada a cabo em Portugal, genericamente designada por “política do espírito”. No entanto, já nos objectivos expressos dessa institucionalização: “representar a tradição de um dado local, região ou nação”, se evidencia a natureza específica “local” em confronto com a dimensão “global” (Branco e Castelo-Branco 2003:1), embora na época esse conceito se formulasse com base no termo “universal”, comum na linguagem propagandística e ideológica do Estado Novo.

Esta questão é central na observação da sociedade pós-moderna já que ela é precisamente o grande enfoque do debate. Também no processo de folclorização está patente a dualidade, às vezes conflitual, entre o local e o global. Poderia afirmar-se que, mais do que modernidade, em muitos exemplos de folclorização há uma pós-modernidade patente nas multiplicidades entre os actores de uma história que na contemporaneidade apenas tem validade simbólica e praticamente nenhuma validade retórica.

Em Portugal *grosso modo* após o fim do regime ditatorial que vigorou até 1974, os modos de vida transformaram-se profundamente, especialmente nos espaços que anteriormente constituíam o chamado “mundo rural”. No caso concreto da região em estudo, a posse da terra era substancialmente distribuída num regime de pequena propriedade agrícola de auto-produção, típica da região litoral desde o Minho até à Beira Litoral. Isto não invalidava a existência de grandes proprietários e, para os servir, uma considerável massa de trabalhadores rurais assalariados formada, frequentemente, por pequenos proprietários. Este sistema social e produtivo foi

substancialmente alterado pela baixa do valor económico da terra agrícola e da sua produção. Por outras palavras, a agricultura deixou de ser uma opção de vida viável para uma faixa substancial da população que, entretanto procurou outros modos de vida.

Este processo foi acompanhado pela instalação de uma “nostalgia rural” colectiva, face à crescente urbanização das suas terras através da instalação de infra-estruturas básicas e vias de comunicação, do aumento da construção, etc. Na ressaca ainda das políticas Salazaristas de “ruralidade”, cultivou-se a saudade dos tempos antigos, dos modos de vida rurais, acompanhada pela argumentação da qualidade de alguns produtos pré-industriais (como por exemplo os alimentos) e da “alegria da pobreza [que] está nesta grande riqueza de dar, e ficar contente”, como cantava Amália Rodrigues em *Uma Casa Portuguesa*.

É neste contexto que o movimento folclórico se afirma, pela apologia social da manutenção da memória da ruralidade e, conseqüentemente, pelo valor simbólico que ela adquire. Contudo, neste complexo jogo de representação da memória, o tempo, gradualmente, foi mantendo parte das significações musicais e coreográficas apenas através de narrativas que passaram a ser da segunda e terceira pessoa e geração.

Também imperceptivelmente a vivência da corporalidade individual e colectivamente se foi modificando de modo a adquirir um papel central nos interesses individuais e sociais, bem patente, por exemplo, no tempo e recursos colocados no seu tratamento. A corporalidade, muito associada ao género, e o modo como ela é experienciada na sociedade contemporânea, parece articular-se com esforço, mas também com sucesso, com as práticas musicais e coreográficas tradicionais. Por um lado, as convenções sobre a indumentária associada às práticas musicais e coreográficas podem provocar alguma incomodidade, quer pelos feitios e corte dos fatos, quer pelos tecidos e adereços usados. Por outro lado, o desempenho corporal na dança, que proporciona esforço físico, pode ser encarado quase como actividade desportiva, adequando-se assim ao paradigma de actividade física pós-moderno, baseada no lazer e não no trabalho.

As práticas musicais e coreográficas, em parte articulam-se com a diluição das atribuições de género já que, por exemplo, na execução dos instrumentos musicais e na performance vocal estes deixaram de ter importância, como acontecia no passado. Não importa ser-se homem ou mulher para tocar qualquer um dos instrumentos ou cantar.

Na verdade esta fragmentação do “ser” parece também vir adequar-se ao que Lipovetsky chama “hipomodernidade” e Zygmunt Bauman (2000) “modernidade líquida”. Conceitos que se relacionam com a pós-modernidade e com o fenómeno de globalização do consumo e da cultura, da omnipresença dos meios de comunicação de massas, da rapidez e alargamento da comunicação e da rapidez de transporte. A produção cultural estruturada em redes, norteia-se frequentemente pela multiplicidade, a fragmentação, a “desreferencialização” e a “entropia” que aceita todos os estilos e estéticas.

Neste quadro os repertórios populares de transmissão exclusivamente oral com que nos deparámos incluem um imenso manancial de *modas folclóricas* e géneros afins associados à dança e um importante repertório vocal de conteúdo religioso associado a rituais devocionais. A distinção entre estes repertórios situa-se sobretudo numa relação de dualidade e quase de oposição, entre os seus contextos de performance, os seus destinatários e no confronto entre as dimensões corporal e espiritual da sua realização.

As *modas folclóricas*, dançadas ou apenas cantadas, têm uma dimensão física, corporal, de carácter exposicional. São diurnas ou “solares” na perspectiva de marcarem momentos festivos e comunicarem com “o outro”, acontecem, por isso, “de dentro para fora”.

Pelo contrário, os repertórios devocionais têm uma dimensão essencialmente espiritual, de carácter introspectivo. São repertórios literalmente nocturnos, ou “lunares” já que têm lugar durante a noite e no seu interior. Repertórios que advogam a espiritualidade “de fora para dentro”.

O repertório apontado em primeiro lugar, em uso genericamente pelos cinco concelhos, divide-se por vários géneros como as *modas folclóricas* cantadas e dançadas, os cantos polifónicos femininos designados por *cramóis* ou *cantas*, os cantos ao desafio ou *desgarradas*, as *modas d'unha*, entre muitas outras. É habitualmente desempenhado por agrupamentos formalmente organizados, como grupos folclóricos, grupos de cavaquinhos, grupos de cantares, entre outros. Os seus contextos de performance são frequentemente reconstituições folclóricas, festas locais ou festivais de folclore.

É o caso dos “Encontros de Tocadores de Concertina” (ou eventualmente dos “Encontros de Cantadores ao Desafio”) onde os participantes interpretam o seu repertório num processo intenso de inter-actividade, permanente de desafio e de auto-regulação. Frequentemente nestes encontros os participantes vêm de muito longe e performam livremente, quer tocando, quer cantando, quer dançando, diluindo na música, no canto e na dança as suas pertenças e identidades.

Exemplo 1 - Desgarrada e Encontro de Concertinas – DVD Arouca / Lugares de Partilha / Encontro de Tocadores de Concertina

O repertório vocal de conteúdo religioso inclui a recitação cantada do *terço do rosário* e a “*amentação* (ou *ementação*) *das almas*”. Em ambos os casos o seu desempenho é promovido por grupos informais de pessoas conhecidas e tem lugar no contexto de rituais privados de oração nocturna ou então no âmbito de reconstituições folclóricas ou de rituais oficiais da igreja católica. Não obstante, uma recente visita à reconstituição da “*ementação das almas*” em Fermedo – Arouca (Abril de 2009), permitiu perceber uma multiplicidade de abordagens desta reconstituição. Se o grupo folclórico organizador – Grupo Etnográfico de Danças e Cantares de Fermêdo e Mato - a assume como uma reconstituição para ser vista e percebida pelas novas gerações enquanto prática do passado e despida da sua validade religiosa, várias das pessoas que se juntam a assistir, participam e rezam e com a devoção pessoal de um acto religioso formal.

Exemplo 2 – Ementação das almas – DVD Arouca / Lugares da Noite / Ementador e Responsório

Podíamos juntar a estes muitos outros exemplos ilustrativos da convivência das práticas musicais e coreográficas e dos repertórios folclóricos com as dinâmicas da pós-modernidade. Teríamos concerteza mais exemplos do confronto da “*espiritualidade*” e da “*corporalidade*”, mesmo independentemente da sua cronologia diária.

Provavelmente verificaríamos que uma das características se manteria: os protagonistas de um e outro tipo de repertório intersectam-se. Parte dos membros de agrupamentos formais detentores do repertório popular de transmissão exclusivamente oral são também, noutros contextos, os detentores e praticantes do repertório devocional religioso. São pessoas de diversas idades e profissões (embora maioritariamente mulheres) com perfis e modos de vida muito diversificados que utilizam a música numa complexa articulação entre quotidiano de trabalho e lazer com a espiritualidade nocturna.

Conclusões

Retomando as questões iniciais, uma das características das sociedades da pós-modernidade é a diluição do tempo e do espaço, a identificação do local com o global, em muitos aspectos.

Ao nível local os processos de globalização são integrados em diversos aspectos da organização das práticas musicais e da manutenção dos repertórios. Desde a multiplicidade de ocupações laborais das pessoas envolvidas, à utilização dos recursos de gravação e edição discográfica que a globalização permitiu, até aos paradigmas de relação institucional entre os grupos e os músicos e as instituições, para dar alguns exemplos de aspectos importantes.

A realidade pós-moderna verifica-se sobretudo na organização individual das vidas das pessoas. De dia podem trabalhar numa fábrica ou estudar na universidade, ou serem trabalhadores rurais e ao fim de semana, ou à noite, passam a ser “actores” de uma representatividade folclórica. As formas de as pessoas se relacionarem em termos interpessoais também se modificou radicalmente. Passaram a existir, também no folclore, formas familiares muito diferentes daquelas que são “representadas” no contexto do folclore. Há casais divorciados ou separados, mães solteiras, casais que vivem em união de facto, sendo estes os paradigmas da desconstrução pós-moderna. O pós-moderno, assim, pelo seu carácter policultural, pela sua multiplicidade, pela hiper-informação, serve bem à constituição de uma rede inclusiva de produtores e consumidores das práticas musicais e coreográficas. E nesse círculo está inserido o que resta dos referenciais de representação.

Finalmente, a “representação” como validação de uma realidade é também uma forma de pós-modernidade. A valorização simbólica dos repertórios e práticas, bem como a interpretação do seu conteúdo, confere legitimidade social aos seus actores e às instituições ou grupos que representam.

“O sol é do corpo e a lua é do espírito”, são duas faces de uma mesma realidade que põe em confronto e em entendimento, o passado e o presente, a tradição e a pós-modernidade. Dois lados da mesma forma de definir identidades complexas ou de realizar diferentes “performances do ser”.

Bibliografia

BAUMANN, Zygmunt (2000) *A Modernidade Líquida*. S. Paulo: Jorge Zahar.

CASTELO-BRANCO, Salwa e BRANCO, Jorge Freitas (Orgs.) (2003) “Folclorização em Portugal” in *Vozes do Povo: A Folclorização em Portugal*. Lisboa: Celta.

LIPOVETSKY, Gilles (1989) *A Era do Vazio: Ensaio Sobre o Individualismo Contemporâneo*. Lisboa: Relógio d'Água.

SARDO, Susana; CASTRO RIBEIRO, Jorge; VIANA, Eunice; LOUROSOSA, Helena; FIGUEIREDO, Luís; DIAS, Nuno; ALMEIDA, Pedro e CALISTO, Sérgio (2006). *Velhas Palavras Novas Leituras: Poesia Popular e Melodias da Região de Entre Douro e Vouga*. 5 CD + 5 DVD + 5 Livros. S. João da Madeira: Associação de Municípios das Terras de Santa Maria.